

O que nos fazem pensar Exu e Criolo?

What makes us think Exu and Criolo?

Resumo

Dialogo com a Tese de doutoramento intitulada “Nos (Des)Caminhos da Exu: poética: As encruzilhadas afrossurrealistas da criação de Criolo”¹. Produzo comentários à moda de Roland Barthes² e enxerto minha leitura à tese, buscando um efeito de transbordamento textual. No presente texto que não é mais do que um possível prefácio ou uma nota de rodapé, para refletir sobre a tese em tela, utilizo-me de uma “an-arquitetura³” derridiana e, ao seguir os rastros da escritura de Andrade, componho um pensamento outro nos limites da forma de pensar, de articular e de escrever uma tese. Trata-se de uma “promessa” sustentada por um texto-comentário, um “enxerto” generalizado, cujo movimento não tem começo, não tem fim nem certezas que não sejam contingenciais, acenando para “um discurso outro”.

Palavras-chave: rastros; escritura; transbordamento; enxerto.

1 ANDRADE, L. T. *Nos (des)caminhos da Exu-poética: as encruzilhadas afrossurrealistas da criação de Criolo*. 156f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020.

2 BARTHES, R. S/Z. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992, p. 42.

3 HADDOCK-LOBO, R. Considerações sobre “Posições” de Derrida. *O que nos faz pensar*, Pontifícia Universidade Católica (PUC), Rio de Janeiro. [S.l.], v. 16, n. 21, p. 66-77, July 2007. ISSN 0104-6675.

* Instituto Federal de Educação da Bahia (IFB). Contato: alexandre.pro@gmail.com

Recebido em: 27/06/2020 – Aceito em: 20/12/2020

Abstract

I interact with the doctoral thesis titled “Nos (Des)Caminhos da Exu: poética: As encruzilhadas afrossurrealistas da criação de Criolo”. I produce commentaries in the style of Roland Barthes, and graft my reading to the thesis seeking a textual overflow effect. In the present text, that is nothing more than a possible preface or a footnote to reflect upon a thesis on a canvas, I use a derridian “an-architecture” and, upon following the traces of Andrade’s writing, compose another thought at the edge of a way of thinking, to articulate and write a thesis. It’s about the “promise” sustained by a text-commentary, a general “grafting” where movement does not have a beginning, an end and not even the certainty of contingencies, which points us to “another discussion”.

Key-words: traces; scripture; overflow; graft.

1. Abrir a gira: caminhos de uma “an-arquitetura”

Em seu texto de qualificação para o doutoramento, Lucas Toledo de Andrade objetivava pensar a produção do artista Kleber Cavalcante Gomes, mais conhecido como Criolo. Naquele momento, presente à banca de qualificação, pude acompanhar os interesses, os desejos e as angústias teóricas do doutorando. Seu estudo se desdobrou em um trabalho de Tese⁴, o qual passo a comentar, buscando com ele conversar, ou seja, dar voltas no pensamento, tanto quanto evocar análise e reflexão crítica. Valendo-se de ideias desconstrucionistas derridianas, de narrativas mitológicas do orixá Exu, do entre-lugar de Silviano Santiago, da crítica pós-estruturalista, de relações criadas entre o signo natural e o signo saudável, da ideia de texto escrevível barthesiano, o trabalho de doutoramento de Lucas Toledo de Andrade⁵ erigiu-se

4 Utilizo-me desse vocábulo com letra maiúscula quando me referir à ideia central defendida no trabalho cujo gênero textual é tese de doutorado.

5 ANDRADE, L. T. *Nos (des)caminhos da Exu-poética: as encruzilhadas afrossurrealistas da criação de Criolo*. 156f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020. BARTHES, R. S/Z. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

como um ebó palavreiro e anticolonial, arriado à Academia, detidamente ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Londrina, sob a colaboração da Dra. Cláudia Camardella Rio Doce.

O trabalho em tela se contrapõe à insistência ignorante da Academia em reproduzir conhecimentos empoeirados de cinco países do globo terrestre, a saber: Itália, França, Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos⁶. Ao contestar a hegemonia epistêmica ocidental, branca, falocêntrica, Andrade aciona saberes decoloniais e do Sul⁷, aproximando-se de escritores como o camaronês Achille Mbembe⁸ e os brasileiros Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino⁹.

Ainda que sejam expressões acanhadas se comparadas com a totalidade de autores manejados na tese, é evidente o esforço em, ao trabalhar com Exu e sua poética, rasurar os valores dominantes, do *status quo*, das estruturas da “jaula de aço”¹⁰, das ideologias totalitárias e do binarismo que estão no cerne da metafísica. Ao problematizar a metafísica, aproxima-se do chamado giro decolonial¹¹ que altera nosso olhar para pensar *pari passu* Modernidade/Colonialidade. Como sabe que a modernidade é uma outra face da colonialidade, não se interessa por fazer avançar seu projeto, porque segue destruindo vidas e atando-se a uma civilização que produz mortes: a Europa prossegue indefensável.

Especificamente se debruçando sobre “Ainda há tempo” – e em sua releitura de 2016¹², “Nó na orelha”¹³, “Convoque seu buda”¹⁴, os singles “Boca de

6 GROSFOGUEL, R. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Sociedade e Estado*. vol.31 no.1 Brasília Jan./Apr. 2016, p. 26.

7 Santos, B. S. ; Meneses, M. P. *Epistemologia do Sul*. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

8 MBEMBE, A. *Crítica da Razão Negra*. São Paulo: N-1 edições, 2018.

9 RUFINO, L.; SIMAS, L. A. *Fogo No Mato: A ciência encantada das macumbas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

10 LÖWY, M. *A jaula de aço: Max Weber e o marxismo weberiano*. São Paulo: Boitempo, 2014, p.55

11 GROSFOGUEL, R. op. cit., 2016, p. 26.

12 CRIOLO. *Ainda há tempo*. São Paulo: Oloko Records, 2016. 1 CD. (28 min. 18 seg.); CRIOLO. *Ainda há tempo*. São Paulo: SkyBlue Music, 2006. 1 CD. (69 min. 47 seg.).

13 CRIOLO. *Nó na orelha*. São Paulo: Oloko Records, 2011. 1 CD (51 min. 25 seg.).

14 CRIOLO. *Convoque seu Buda*. São Paulo: Oloko Records, 2014. 1 CD (31 min. 41 seg.).

lobo”¹⁵ e “Etérea” (2019), os videoclipes “Mariô”¹⁶ e “Boca de lobo”, a revisão promovida por Lucas Toledo se interessou por compreender que caminhos sensíveis Criolo poderia, enquanto artista, oferecer-nos para a realização de discussões sobre a Literatura e a Arte, em um tempo marcado por crises das mais variadas ordens, sejam elas humanitárias, climáticas, econômicas, agravadas ainda mais por pandemias e pandemônios.

Uma digressão e seus registros me devem ser permitidos, porque, como fora divulgado, em 16 de junho de 2020, o Brasil já contava com 44.657 mortos por Coronavírus (Covid-19). O total de casos diagnosticados passava dos 900.000, número levantado por um consórcio de veículos de imprensa junto às secretarias municipais e estaduais de Saúde porque o governo federal alterou a forma como contabilizara os dados até então. Os casos, até a saída do segundo Ministro a ocupar a pasta – por menos de um mês –, Nelson Teich, eram anunciados em horário estabelecido, atendendo a regras de transparência e acesso à informação. Segue-se que, por recomendação do Ministério da Saúde, órgão ocupado interinamente por Eduardo Pazuello, general de divisão do Exército Brasileiro e político brasileiro, a divulgação dos dados foi alterada. Além do que, indica o referido Ministério a ampliação do uso de um medicamento para o tratamento e profilaxia de malária, a cloroquina (também para gestantes e crianças) mesmo sem justificativa científica plausível. Em meio a este cenário no qual decisões políticas suplantam pesquisas médicas, uma militante apoiadora do Presidente da República, Jair Bolsonaro, teve prisão autorizada por um dos ministros do Supremo Tribunal Federal, Alexandre de Moraes, no âmbito de inquérito que apura atos antidemocráticos. O Ministro da Educação, Abraham Weintraub, foi multado por não usar máscara em manifestações em Brasília, no domingo, dia 15. O que estou a afirmar é que o cenário de pandemias e pandemônios, por conta de flexibilização no distanciamento social, ganha volume, sinalizando para aumento ainda maior no número de contaminados e de mortes¹⁷.

15 CRIOLO; GANJAMAN, D. NAVE. *Boca de lobo*. 2018. (3 min. 46 seg.). Disponível em: <http://www.criolo.net/eterea/>. Acesso em: 2 ago. de 2019.

16 CRIOLO; DINUCCI, K. Mariô. In: CRIOLO. *Nó na orelha*. São Paulo: Oloko Records, 2011. 1 CD. Faixa 4. (5 min. 45 seg.).

17 Disponível em <https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/305052/recomendacao-para-ampliar-uso-da-cloroquina-nao-te.htm>. Também sugiro conferir: <https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/304993/militante-apoiadora-de-bolsonaro-e-presa-weintraub.htm>. Acesso em 16 de jun. de 2020.

Retornando da digressão, o texto de Lucas Toledo de Andrade aponta para outro pandemônio: o cabedal teórico mobilizado na tese que refletiu a “confusão”, a “balbúrdia”, o “caos” imagético, sonoro e temático proposta pela criação artística de Criolo. Andrade se utilizou do movimento afrossurrealista estadunidense, e ao mesmo tempo dele se esquivou porque, apesar de ser “chave-teórica interessante para pensar a cultura negra contemporânea, esse movimento preocupa-se, sobretudo, com o universo negro estadunidense e com as experiências negras daquele território”¹⁸. Percebeu, portanto, que o movimento ianque estava mais próximo de homogeneizar pluralidades negras, o que não se prestaria a um estudo focado em Criolo e Exu.

A tese aqui comentada reflete sobre questões fundamentais para as Ciências da Literatura, os Estudos da Linguagem, a Filosofia, as Artes, os Estudos Étnico-Raciais, pois se comprometeu em pensar, em termos nacionais, uma forma de linguagem que, por meio das vivências negras, questionasse a ordem vigente. Esse problema-pesquisa levou o autor a trabalhar com uma “an-arquitetura” de Criolo, qual seja a “Exu-poética”. Trata-se de uma “an-arquitetura” porque não trabalha com um “objeto” físico, cuja arquitetura clássica apontaria para formas bem definidas e harmonia simétrica entre as partes, senão com uma noção nascente (um conhecimento sintético, quase intuitivo), construída a partir de rastros de Criolo e de Exu. Não à toa, Andrade buscou desenvolver e encontrar uma forma de lidar com seu Criolo-Exu, por meio de uma linguagem poética, que se performativiza como Exu e nasce do olhar para as encruzilhadas e labirintos existentes na obra de Criolo como um todo: imagens poéticas criadas pelas suas composições, cliques, ritmos e performances em apresentações.

Com todas as nuances que o vocábulo “trabalho” possa ter – “dor”, “sofrimento”, “instrumento de tortura”, ou como nos terreiros de Axé, “ebó”, “oferenda”, “entregar um trabalho em uma encruza” – ao evocar Exu e a ele legar seu ebó de palavras, vai longe esse discurso que parece-nada-querer-dizer, porque a Exu-poética pretende-se “desconcertante e de infinitas possibilidades (...) um campo aberto para diálogos, transformações, contaminações, um ‘texto escrevível’, no qual perspectivas diversas convivem, se alimentam mutuamente”¹⁹.

18 ANDRADE, L. T. *Nos (des)caminhos da Exu-poética: as encruzilhadas afrossurrealistas da criação de Criolo*. 156f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020, p. 13.

19 ANDRADE, L. T. *Nos (des)caminhos da Exu-poética: as encruzilhadas afrossurrealistas da criação de Criolo*. 156f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020, p. 133.

O pensamento crítico e fronteiro, não essencialista produzido por Andrade, suspende a barra opositora e hierárquica (bem/mal; homem/mulher), abre Criolo à vertigem e ao transe ritualístico (dos shows, turnês e dos ritos acadêmicos para o doutoramento) por meio de uma Exu-poética. Evita o perigo de um Exu negro africano voltado para si mesmo, fraterno com a África e xenófobo de si mesmo, potencializa uma *an-arquitetura* teórica – estou parafraseando Jacques Derrida²⁰ e Rafael Haddock-Lobo²¹ –, que não se coaduna com qualquer começo absoluto e, portanto, com qualquer *arquía*. Inteiramente consumado à leitura, por meio de apropriação, deglutição, simbiose, semiose com outros textos e teorias, o Exu de Andrade remete-se não a um centro, senão à sua própria escritura e aos problemas da tese.

A escritura não se imanta a um movimento que se opõe à fala, tampouco está ligada à literatura ou à comunicação como na escrita. Próxima a um instrumento de análise barthesiano, de autoanálise, é uma noção que permite reconhecer traços que definem certos textos como particulares. Conforme ensina Leyla Perrone-Moisés, a escritura produz “transbordamento”, “arrebatamento do estilo para outras regiões da linguagem e do sujeito, longe de um código literário classificado”²².

Espalhado que está pelo mundo, Exu não se interessa por conservadorismos e armaduras francamente fascistas, cujo objetivo tem sido o de recusar a imigração, o acontecimento e as misturas. Não seria razoável erigir um Exu que parte da leitura de Criolo, a negar a multiplicidade e a mistura de si mesmo. Daí, defender aqui que fora acometida a tese de Andrade de uma “an-arquitetura”²³. Sua escrita baseada na afirmação do plural, não poderia trabalhar na chave do “respeito” do Texto: o texto tutor (qual? Criolo? Exu?); o texto de saída, foi desde já quebrado, interrompido, em total “desrespeito”²⁴, cujo movimento-comentário para sempre inacabado não se assenta em um começo absoluto, linear, hierárquico e causal, ou seja, não remete senão à própria escritura-comentário.

20 DERRIDA, J. *Posições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

21 HADDOCK-LOBO, R. Considerações sobre “Posições” de Derrida. *O que nos faz pensar*, Pontifícia Universidade Católica (PUC), Rio de Janeiro. [S.l.], v. 16, n. 21, p. 66-77, July 2007.

22 PERRONE-MOISÉS, L. *Com Roland Barthes*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012, p. 60.

23 HADDOCK-LOBO, R. op. cit., p. 67.

24 BARTHES, R. *S/Z*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992, p. 48-49.

Aí está a originalidade da tese de Lucas. Sei que devo usar essa palavra entre aspas, mas, uma dúvida ainda me toma de assalto: aspear “originalidade”, “tese”, ambas, ou como faz Jacques Derrida, todas? De todo modo, Lucas ao se utilizar da dinâmica fragmentada e para além de qualquer possível definição de Exu, “an-arquiteta” um Exu-poético, uma Exu-poiesis, dentro da ordem do discurso acadêmico, abrindo possibilidades ricas para que o leitor-autor possa ver a realidade discursiva que sustenta o texto-Brasil como passível de transformação.

2. Caminhos abertos para uma Exu-poiesis

O Exu de Lucas é poiesis. É todo ele uma Exu-poética que nasce e renasce por meio do seu olhar a fragmentos de vozes e às experiências elaboradas artisticamente na obra de Criolo, num entre-lugar, numa *différance* com o afrossurrealismo estadunidense. O Exu de Lucas, por um lado, mantém firme a interpelação de um Exu-phármakon²⁵, qual seja “o apelo à virtude mágica de uma força à qual se dominam mal os efeitos, de uma dinâmica surpreendente para quem queria manejá-la como mestre e súdito”²⁶, por outro lado, enquanto metáfora de linguagem artística de Criolo, desmascara, “valendo-se de sua alegria provocadora, o Brasil fraterno, feliz e harmonioso que convive bem com o diferente”. Denuncia e rompe com os binarismos e o ódio crescente e duradouro que, desde sempre, genocidas, massacram indígenas, negros, mulheres, os/as sujeitos/as cujas sexualidades são dissidentes. Seu Exu atrelado a Criolo é “um ser mágico urgente em tempos como o que vivemos, esse espelho gritante do Brasil colonial”²⁷, que anuncia uma compreensão aguda da violência e da opressão que forma a vida dos brasileiros, tendo como foco as vidas negras.

Digo foco, mas Lucas Toledo sabe que há um devir-negro no mundo, ou seja, um vir a ser negro que aponta para o esvaziar da distinção entre o humano, a coisa e a mercadoria. E como dito por Achille Mbembe, por detrás da palavra “negro” se esconde

25 FERNANDES, A. O. *Axé: Apontamentos para uma a-tese sobre Exu que jamais (se) escreverá*. Tese (Doutorado) – UFRJ, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura (Literatura Comparada), 2015, p. 35.

26 DERRIDA, J. *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 2005, p. 50.

27 ANDRADE, L. T. *Nos (des)caminhos da Exu-poética: as encruzilhadas afrossurrealistas da criação de Criolo*. 156f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020., p. 12.

o escândalo da Humanidade, o testemunho vivo, inquestionavelmente perturbador, da violência do nosso mundo, e da desigualdade que é o seu principal motor; que impõe ao pensamento do nosso mundo e do devir humano as exigências indubitavelmente mais urgentes e mais radicais, a começar pela da responsabilidade e da justiça. A palavra “África” ocupa o lugar de uma negação fundamental destes dois termos.²⁸

Na luta pela justiça e pela responsabilidade radical, capaz de curar dores, frear e dissolver desigualdades, Andrade sabe que o sofrimento e o pânico que invadem as cidades, não atingem apenas negros e negras, mas muitos indivíduos que se encontram em posição de subalternidade. A Exu-poética de Lucas se compromete, por meio da arte, em expandir nossa compreensão da realidade e da própria construção dos discursos históricos que sustentam as desigualdades.

Com o poeta Cuti se aprende que Orixás não tomam chás de academia. Estão atentos ao “ariânico afago” e se rebelam contra “folclóricas nuvens e teses / de negrófobas carícias”. Por falar em teses, Cuti também as levanta:

Teses

*quantas doses de samba
cabem numa garrafa de pinga?*

*com quantas evasivas
se costura a fantasia
duma escola de samba?*

*quantas dores de escravo
tecem o macacão operário?*

*com quantos chicotes
se fez o milionário?*

*quantos 20 de novembro
o 13 de maio matou?*

28 MBEMBE, A. As formas africanas de auto inscrição. *Estudos Afro-Asiáticos*, ano 23, n. 1, p. 171 – 209, 2001, p. 174.

*quanto ódio
há sincretizado
no racismo “democrático”?*

*quantas perguntas no enredo
ainda faltam?²⁹*

Nesse poema, seu autor lança, irônico, crítico e sagaz, problemas fundamentais para as relações étnico-raciais e para os estudos acadêmicos. Se não é possível, muito menos proveitoso, buscar responder aos questionamentos especialmente aos últimos versos, importa desdobrar a proposta de Cuti, algo que Lucas Toledo de Andrade não deixou de fazer em seu texto de doutoramento. Ao nos contar acerca da marcante presença de Criolo em espetáculo realizado durante a turnê “Convoque seu buda”³⁰, retratou um músico profundamente emocionado, que sente os instrumentos musicais e vivencia de forma performática a letra. Mas, não apenas,

*indaga, usando as vestes brancas tão comuns nos cultos afro-brasileiros:
“Por que tanto sofrimento? Por que tanta desigualdade no mundo? Por quê?
Qual a desculpa que eles vão inventar amanhã? Será que vai ser uma desculpa melhor que a de hoje pra te fazer esquecer a desculpa de ontem? Por que tanto sofrimento? Por que tanta fome no mundo? Por quê?”³¹*

Do afrossurrealismo à Exu-poética, Andrade analisou a produção de Criolo, álbuns, videoclipes, performances em shows, falas em entrevistas, composições e ritmos como um signo saudável barthesiano³² que se desconstrói constantemente, rasurando o binário e o conservador texto-Brasil, a saber,

29 CUTI. *Negroesia*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 71.

30 O espetáculo foi realizado em Paris, no ano de 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vvQrEY_eN-4. Acesso em 16 de jun. 2020.

31 ANDRADE, L. T. *Nos (des)caminhos da Exu-poética: as encruzilhadas afrossurrealistas da criação de Criolo*. 156f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020, p. 133.

32 Entendo que o “signo saudável” se coaduna com a condição arbitrária da própria linguagem, negando-a como um construto neutro.

*narrativas que, por excelência, dominam as relações de poder no país, funcionando como um texto-Brasil que se pretende imutável e imaculável. Não é por acaso que no Brasil Colônia, no Brasil Império e no Brasil República, só foram alterados os nomes dos títulos, os nomes dos cargos e as formas de ocupação do poder, mas as estruturas e os discursos continuaram exatamente os mesmos, uma espécie de contínuo de uma história que faz que os donos das capitâneas hereditárias sejam ainda no século XXI, os que mandam e desmandam nas relações de poder no país, escolhendo, ora ou outra, alguma “marionete” para falar e para representar os seus interesses, interesses seculares que se afirmam e fazem vítimas desde 1500.*³³

Repare-se como refuta e constringe a classificação binária e o discurso edulcorado que historicamente, como um mito, sequestrou subjetividades e nos contou sobre a existência de uma nação tropical, miscigenada, pacífica e harmônica. Em suas palavras,

*Exu enquanto metáfora de linguagem artística pode desmascarar, valendo-se de sua alegria provocadora, o Brasil fraterno, feliz e harmonioso que convive bem com o diferente, mostrando-o, na realidade, como um país sustentado por binarismos e ódios duradores que, desde sempre, oprimem e matam o índio, o negro, a mulher, a população LGBTQ+ e tudo aquilo que foge da pretensa noção de “ordem e progresso” que falsamente norteia as nossas relações. Sendo, por isso mesmo, um ser mágico urgente em tempos como o que vivemos, esse espelho gritante do Brasil colonial.*³⁴

A escrita de Andrade reverbera pressupostos dos Estudos Étnico-raciais³⁵ porque não se furta a discutir, ainda que de modo inicial, as excludentes tramas tecidas na história do Ocidente, as quais sustentam ainda hoje, a sociedade brasileira, racista e discriminatória. Aproxima-se da Educação para

33 ANDRADE, L. T. *Nos (des)caminhos da Exu-poética: as encruzilhadas afrossurrealistas da criação de Criolo*. 156f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020, p. 57.

34 ANDRADE, L. T. *Nos (des)caminhos da Exu-poética: as encruzilhadas afrossurrealistas da criação de Criolo*. 156f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020, p. 11.

35 GONÇALVES, P. B. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. *Educação*, v. 63, n. 3, 2007.

a Diferença³⁶, cuja poiesis busca a perplexidade, um assombro permanente do olhar, a criatividade do pensamento e as artes da criação, as quais não se orientam para o mesmo, para a mesmidade, mas buscam construir um outro possível que oscila atravessado permanentemente por sentidos múltiplos. Não enfatiza o quão diferentes somos em detrimento de quão igual somos, porque geraria graves mal-entendidos, cujas consequências, dentre outras seria a de roubar a dignidade das pessoas, haja vista dificultar o reconhecimento da nossa humanidade compartilhada e plural³⁷. Enamora-se e trai, como haveria de ser, fiel na infidelidade, a desconstrução derridiana.

A desconstrução que não é método, não é teoria, não é ato, não é técnica, em certo sentido, é um conjunto em aberto de dispositivos que os textos de Jacques Derrida produzem para demonstrar a inviabilidade do discurso metafísico. Um pensamento que se abre à dúvida, à inferência, à pretensão de verdade, à perenidade, ao entre-lugar, ao provisório, ao entendimento crítico e problematizador de que os objetos são complexos e hetero-dinâmicos. Por isso, só tem sentido, em contextos intercambiáveis, como “promessa” não de uma verdade, mas de “invenção” na disjunção, na aporia, numa lógica alógica, segundo a qual os opostos hierarquizados são deslocados por meio de um “enxerto” generalizado, cujo movimento não tem começo, nem tem fim, numa

*relação direta com uma certa experiência do impossível, e tal experiência é atravessada pela indecidibilidade da aporia, a qual permanece aliada a um talvez, o qual permite a irrupção do acontecimento. Além disso, a experiência do impossível mantém sempre inventiva a abertura à vinda do outro, quem sempre está por vir*³⁸.

A desconstrução, esse nada que é tudo, exige um modo de pensar desnortean-te. Agencia uma postura questionadora, reflexiva, com vistas a ir “descosendo” a ordem simbólica em/e sua estrutura, demonstrando que não há, em si mesmo, nenhuma verdade una, mas sempre “um discurso outro”, não originário,

36 SKLIAR, C. *Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

37 Fernandes, A. O. *Axé: Apontamentos para uma a-tese sobre Exu que jamais (se) escreverá*. Tese (Doutorado) – UFRJ, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura (Literatura Comparada), 2015, p. 146.

38 ZEVALLOS, V. P. *Ética do impossível: uma reflexão a partir da desconstrução. O que nos faz pensar*: Pontifícia Universidade Católica (PUC), Rio de Janeiro. [S.l.], v. 28, n. 44, p. 170-189, jul. 2019, p. 172.

“aquele” que “já” está sempre em transformação, diferido, adiado, para sempre, não dado, não fixo, mas “já” escapado e escapando-se, impossibilitado de se dar num presente-presente.

O Exu-Criolo de Lucas (e veja que são vários em “um” – que nunca é um apenas – mas tantos quantos os candomblés, as macumbas, as umbandas, os quilombos em diáspora) “abriga em si múltiplas significações e muitas formas de interpretação que vão para além de qualquer possibilidade de delimitação³⁹”, cuja performance está marcada por ironia, paródia, ambiguidade, irreverência, carnavalesco. Enquanto linguagem literária, provoca “estranhamento”; enquanto poética, aproxima-se de uma crítica pós-estruturalista e sua denúncia acerca-se da instabilidade da linguagem: nada de estruturas bem marcadas, “encerrando unidades simétricas de significantes e significados”⁴⁰. Nada de origem como o ponto zero ao qual se deva retornar, mas encruzilhadas de possibilidades de sentidos em que imperam a mimesis, a performance, a cópia da cópia da cópia, o *talvez*, a irrupção de um acontecimento porvir. E toda tentativa de retorno para um suposto original vê-se frustrada. O retorno é cruzado, desviado, transviado, rasurado por uma cadeia de significantes, dentro da qual, a significação oscila entre um jogo de diferenças, marcado pela presença/ausência de sentido⁴¹.

Parece-me acompanhar o estudo aqui problematizado um provérbio paradoxal conhecido nos terreiros brasileiros: “Exu matou um pássaro ontem, com a pedra que arremessou hoje”. Esse adágio rompe com a temporalidade linear e com a metafísica da presença, reverbera o valor ético da postergação da presença e o modo como permite a vinda de uma “presença” muito diferente, qual seja a presença do outro.

Seria incoerente manter Exu em uma tese – orixá *trickster*, brincalhão e, ao mesmo tempo, ainda que paradoxalmente, senhor da Ordem⁴²–, e arrogar-lhe uma origem ou um futuro como *telos* arraigados (origem e futuro) a uma

39 ANDRADE, L. T. *Nos (des)caminhos da Exu-poética: as encruzilhadas afrossurrealistas da criação de Criolo*. 156f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020, p. 31.

40 EAGLETON, T. *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 1983, p. 139.

41 FERNANDES, A. O. *Axé: Apontamentos para uma a-tese sobre Exu que jamais (se) escreverá*. Tese (Doutorado) – UFRJ, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura (Literatura Comparada), 2015

42 SÁLÂMÌ, S.; RIBEIRO, R. I. *Exu e a ordem do universo*. São Paulo: Oduduwa, 2015.

verdade ordenada em um sistema ideal, cuja transcendentalidade teleológica e pretensiosa razão clássica pudessem manter seu poder de doxa⁴³. Logo, construiu uma Exu-poiesis, ambígua como o phármakon derridiano, este “lugar” de exportação e deportação, de transferência e referência de sentidos, este “lugar” de “medo” em que o perfume da rosa não deve ser menos temido que o veneno da serpente.

3. Disseminações de Exu

A escrita de Andrade reflete vozes como as do senador Abdias do Nascimento – que está citado sem o estar em sua tese –, porque amplifica e estende sua voz negra na luta pela inserção de questões étnicas e da diáspora na Academia, a qual, até há pouco, eugenista, media cérebros para identificar quem seriam mais capazes do que os outros, quem seriam os abjetos e desqualificáveis cujos saberes passariam a ser ignorados. Ouçamos o senador Abdias do Nascimento:

Recebo um título de doutor da mesma academia que há décadas venho questionando e contestando por sua postura de marginalizar, humilhar, desprezar e discriminar o povo afrodescendente. Pois reitero: continuo questionando e contestando a academia brasileira. Sei que a postura dessa academia não mudou de forma significativa, pois o negro continua marginalizado e discriminado na estrutura da educação deste país desde o ensino básico e sobretudo no superior. Minha presença aqui representa o desejo da coletividade afro-brasileira de que esta universidade, a mais antiga do Brasil, dê o exemplo de forjar um caminho de verdadeira inclusão do povo de ascendência africana na nossa academia. Não estou falando apenas da admissão de alunos negros, embora este seja um aspecto necessário em todo o país. Falo sobretudo do que eles e os outros alunos vão aprender. O conhecimento formal e científico sempre discorreu sobre nós, retratando os povos africanos e seus descendentes como escravos natos, objetos de pesquisa científica, ratos de laboratório. Aqui mesmo na Faculdade de Medicina desta universidade, sob a égide de Nina Rodrigues, papa das teses lombrosianas no Brasil, mediu-se nossos crânios para calcular o índice cefálico; dimensionou-se a

43 BARTHES, R. *Roland Barthes por Roland Barthes*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003, p. 59.

*largura da nossa narina como prova cabal de nosso suposto estado patológico congênito; negou-se a nossa arte enquanto produção criativa taxando-a da representação deformada de uma mentalidade primitiva e doentia*⁴⁴.

E prossegue Abdias rasurando a Universidade, convocando-a a decolonizar seus saberes e metodologias de ensino/pesquisa/extensão, com vistas a erradicar sua pedagogia cruel da mesmidade:

*É preciso virar esse conhecimento eurocentrista de cabeça para baixo, sacudi-lo até remover o lixo e construir no vazio uma nova epistemologia. Incorporar-lhe a experiência e o saber dos povos afrodescendentes em suas várias dimensões, vistos da sua ótica e expressos na sua própria voz, possibilitando a reconstrução da civilização e da soberania dos nossos antepassados no Continente e o redimensionamento das culturas e histórias de luta forjadas por nós, seus descendentes, na diáspora. Para isso, não adianta fingir “esquecer” o legado racista ou fazer de conta que ele perdeu sua influência. É preciso examiná-lo, identificá-lo nas suas novas sutilezas, e sobretudo desvelá-lo no silêncio que reforça a exclusão discriminatória*⁴⁵.

A epistemologia proposta por Abdias não se coaduna com a ambição de domínio sobre o outro, sobre a natureza – ironicamente apartada de nós pelo pensamento cartesiano e pelo “processo civilizatório moderno que colocou imaginação e razão em polos opostos, assim como fez com a loucura e com a racionalidade, com o sonho e com a vida, desencantando a realidade”⁴⁶ –, não intenta dominar o outro, “dar-lhe voz” para que diga sempre o mesmo, para que possa se parecer com o mesmo, para que seja o mesmo. Ao invés disso, lida com a instabilidade do acontecimento mesmo, para além dos estatutos, normas, regras e moralidades. Trata-se de uma epistemologia que evoca um outro discurso; logo, deve ser inventiva e até inconveniente.

44 ABDIAS DO NASCIMENTO. Fala na UFBA. Pronunciamento de Abdias Nascimento ao receber o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <http://www.abdias.com.br/biografia/ufba.htm>. Acesso em 15 jun. 2020.

45 ABDIAS DO NASCIMENTO. Fala na UFBA. Pronunciamento de Abdias Nascimento ao receber o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <http://www.abdias.com.br/biografia/ufba.htm>. Acesso em 15 jun. 2020.

46 ANDRADE, L. T. *Nos (des)caminhos da Exu-poética: as encruzilhadas afrossurrealistas da criação de Criolo*. 156f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020, p. 68.

Andrade sabe que a arte apavora os conservadores, desnorteia os ignorantes, provoca, dissimula. Percebeu bem que Exu, como a arte, sobrevive e prospera, ensina sem querer. Não à toa, construiu seu ebó-palavreiro que desassossega o *status quo*, como fora feito em outros trabalhos, evocando uma linhagem de estudos acadêmicos. Faz Exu transbordar e o dissemina por meio de conexões – mesmo que não citadas nominalmente – com estudos como os de Rodrigo Lopes de Barros Oliveira⁴⁷, Emanuel Luís Roque Soares⁴⁸ e Alexandre de Oliveira Fernandes⁴⁹. Por que cito esses trabalhos? E tantos outros ainda haveria por destacar, uma vez que deles e com eles temos dívidas, como os de Vanda Machado⁵⁰ e Stela Caputo⁵¹, para apontar apenas dois outros nomes. Ora, porque se entrelaçam, porque se cruzam, se irmanam e dialogam mesmo que nunca tenham dialogado *strictu sensu*, porque Exu não é da ordem do entender, mas do sentir, “epifania de um mistério, não pode ser concebido como Um a se fixar”, está atado ao “jogo da disseminação” o qual pressupõe que “quanto mais se discute, quanto mais se fala sobre e se tenta convencer e persuadir, ele se (des)dobra, antropofágico, atentando contra o ocidente e a hierarquia”⁵², e a mim, como a Muniz Sodré, em livro de contos, “não me toca dar luz ao invisível”⁵³.

47 OLIVEIRA, R. L. B. *Derrida com macumba: O dom, o tabaco e a magia negra*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Literatura, Teoria Literária, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Ilha de Santa Catarina, 2008.

48 SOARES, E. L. R. *As vinte e uma faces de Exu na filosofia afrodescendente da educação: imagens, discursos e narrativas*. 2008.188f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2008.

49 Fernandes, A. O. *Axé: Apontamentos para uma a-tese sobre Exu que jamais (se) escreverá*. Tese (Doutorado) – UFRJ, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura (Literatura Comparada), 2015.

50 Machado, V. *Pele da cor da noite*. Salvador: EDUFBA, 2013.

51 CAPUTO, S. G. *Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de Candomblé*. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

52 Fernandes, A. O. *Axé: Apontamentos para uma a-tese sobre Exu que jamais (se) escreverá*. Tese (Doutorado) – UFRJ, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura (Literatura Comparada), 2015, p. 91.

53 SODRÉ, M. *Santugri: histórias de mandinga e capoeiragem*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011, p. 116.

Repare-se no que nos diz Vanda Machado sobre Exu:

*Exu não só está relacionado com os ancestrais femininos e masculinos, mas também com tudo que existe e que se imagina existir no universo, porque tudo é vivo. Ele não pode ser aprisionado em nenhuma categoria. Ele é parte da natureza, do ser humano e da humanidade nas suas ambiguidades e contradições e em seus enigmas mais imponderáveis.*⁵⁴

Agora, veja-se que Stela Caputo identifica Exu como “negro. Um poderoso e imenso orixá negro. É o orixá mais próximo dos seres humanos porque representa a vontade, o desejo, a sexualidade, a dúvida”⁵⁵.

E agora a leitura disseminante de Lucas Toledo de Andrade, a qual não se aparta do que nos contam Caputo e Vanda Machado sobre Exu:

*Exu sempre foi, para mim, um personagem sedutor e enigmático na mitologia iorubana, cheio de poderes e de características interessantes, extremamente próximo ao ser humano, encrenqueiro e ordeiro, dono de palavras duras e cheias de sinceridade, ambíguo como o phármakon. Exu é a dinâmica do ciclo da vida. Ele é o corpo humano e seu eterno fluxo de sangue, suor e pensamento.*⁵⁶

Numa tentativa de não estabelecer relações hierarquizadas, tal qual Rodrigo Oliveira em “Derrida ‘com’ Makumba”⁵⁷ e Alexandre Fernandes⁵⁸ embaralhando Exu, Derrida e Axé, numa a-tese, manteve em riste, falo alto, a instabilidade inerente ao significado, para sempre e desde já diferido, deferido, reunido contextualmente pela dispersão; compreendeu Exu como um texto disseminante

54 Machado, V. *Pele da cor da noite*. Salvador: EDUFBA, 2013, p. 156.

55 Stela Guedes Caputo em *O Globo*, 23/11/2009. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/opiniao/mat/2009/11/23/exu-nao-pode-914886323.asp>

56 ANDRADE, L. T. *Nos (des)caminhos da Exu-poética: as encruzilhadas afrossurrealistas da criação de Criolo*. 156f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020, p. 13.

57 OLIVEIRA, R. L. B. *Derrida com macumba: O dom, o tabaco e a magia negra*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Literatura, Teoria Literária, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Ilha de Santa Catarina, 2008.

58 Fernandes, A. O. *Axé: Apontamentos para uma a-tese sobre Exu que jamais (se) escreverá*. Tese (Doutorado) – UFRJ, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura (Literatura Comparada), 2015.

que se recusa a uma significação fixa, a um destino e, também, a uma origem. A Exu-poética de Andrade se alimentou de vários discursos e narrativas multiformes, que agora, como contra-assinaturas deglutidas do e pelo outro, fortalecem sua leitura das encruzilhadas artísticas presentes na produção negra de Criolo. Há em seu texto de doutoramento o “cruzo” de influências e de referências que o formaram enquanto artista. Formaram quem? Quem “o”? Criolo ou Lucas? Quem forma quem? Onde? Onde quando? Quem quando?

O cruze de conexões transborda o texto de Tese como um texto que não sabe da sua procedência ou da sua filiação, e por isso mesmo se faz rebelde, revolucionário, criativo, uma escritura que “só é possível a partir do transe como disponibilidade de travessia”.⁵⁹ O transe coíbe a razão intransigente porque se permite andar fora do prumo. Contraria regras, acolhe a possessão, a irracionalidade mais racional do que a racionalidade moderno-colonial-neoliberal, marcada pelo genocídio, invasão, conquista.

Ao não negociar seu Exu com identidades fixas, desvela Andrade farsas e expande o olhar do indivíduo para o entorno. Ficamos livres para olhar, brincar, fazer estripulias, tornamo-nos um pouco, disse um pouco, bem pouco se levo a sério a psicanálise⁶⁰, pouco donos de nós mesmos e de nossa interpretação possível impossível.

Considerações finais: Fecha a gira

Não há águas calmas em que se banhar quando se evoca Exu. Não há encruzilhadas sem nós (no duplo sentido, ao menos da palavra “nós”). Quando o autor solicita em seu estudo, no capítulo primeiro, “abra o caminho do olhar”, “abra caminho tranquilo para eu passar”, sabe, trapaceiro que é, que não se trata de “olhar” e que nada há de tranquilo pelo caminho. Como um *trickster*, brincalhão, pícaro, nos diz, ao que me parece, “abra caminho para eu respirar”, “eu preciso respirar”, porque seu Exu-poética não trata de ver, olhar, pensar em não ver, mas de respirar.

Sim, respirar. Precisamos de um respirar-esperança, de um respirar-poética senão sufocamos. Precisamos respirar porque a Covid e o Estado suicidário sustentado por um pandemônio que desgoverna o país, estão a matar

59 RUFINO, L.; SIMAS, L. A. *Fogo No Mato: A ciência encantada das macumbas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2018, p. 100.

60 DERRIDA, J. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

violentamente a população negra e indígena. Respirar precisamos, porque Lucas Toledo de Andrade é homem que se considerou durante todo um tempo de sua vida, pardo – como um papel embranquecido, resultado do sequestro de suas raízes ancestrais –, mas que atualmente se reconhece negro. Filho de pai negro e de mãe branca, precisou reelaborar seu *self*, reconectando-se com sua ancestralidade, com sua macumba, com seus pretos velhos e com essa Exu-poética: uma encruzilhada dura desde o Mestrado. Ele sabe que não sofre as mesmas dores e preconceitos que um negro retinto ou em situação de extrema pobreza, mas que, orgulhosamente, faz parte de uma coletividade diaspórica ancestral que precisa respirar porque sim, vidas negras importam.

Esse respiro é também um reencantamento crítico dos sujeitos, uma magia que nasce da inteligência afro-brasileira, capaz de reelaborar artisticamente sua existência rompendo artisticamente os cadeados da lógica dominante e fazendo emergir um outro olhar para o texto-Brasil. Ora, Lucas Toledo de Andrade, se não produziu uma teoria em seu estudo, também não papagaiou teóricos, os fez gaguejar e desse titubeio nasceu a noção-conceito de Exu-poética, uma epistemologia negra, uma proposta de uma nova forma de narratividade.

Se para narrar é preciso falar, para falar é preciso respirar. Trata-se de uma narratividade contranarrativa que emana dos sujeitos e das sujeitas negros e negras, visando à reconstrução de uma experiência agredida, carregada por noções como dor, travessia, entre-lugar e corpo como um ato político.

Andrade identificou na inquietude artística de Criolo uma necessidade de viver, talvez um viver nietzschiano, qual seja fugir constantemente à permanência, pois esta é portadora de precariedade. Percebeu que Criolo anda de mãos dadas com certa instabilidade, com uma mobilidade que ofereceria possibilidades de fuga e de escape. Mas, escapar de quê? De uma sociedade reprodutora de desigualdades, racista e misógina.

Lucas é um malandro, pois se veja que em “considerações finais” ele “fecha a gira”. Mas, o que é fechar a gira senão deixar a gira girar? Quando um zelador em um terreiro diz: fecha a gira, fecha a roda, está convidando seus filhos e filhas espirituais a deixar a dança mais bonita, mais engomada com as saias e os badulaques das entidades girando e espalhando contas e cantos. E seu Exu convive bem com o outro, com a diferença que escapa, porque tem prazer como um texto barthesiano: dança, ri, debocha, ironiza, brinca, goza, abre e fecha a gira, para além de hierarquias, lugares comuns, flerta com o leitor, deixa-se levar pelas pulsões e desejos do escritor.

Pontuo que, ao dizer que Lucas Toledo de Andrade é um malandro, me apoio em Luiz Rufino e Luiz Antônio Simas, os quais ensinam:

Os caminhos retos são os limites a serem transgredidos. Assim, a malandragem pratica o cruzeo, o malandro é errante, o corpo, suporte de sabedorias, é propulsor de outras textualidades, pulsa no transe, o malandro transita, é fluxo contínuo. Dessa forma, quando baixa não importa de onde vem, mas sim o riscado que imprime no chão. O malandro é sempre bem chegado, é bom boêmio, é bom camarada, não importa se vem da linha das almas ou da linha da encruzilhada. O que importa é que se sabe chegar em qualquer banda: o bom malandro não explana, chega sem ser visto sai sem ser lembrado.⁶¹

Em seu texto, Lucas-Exu realiza negociações e deglutições culturais e políticas, contribuindo com as pesquisas voltadas ao entendimento das afrobrasilidades e das produções artísticas negras no Brasil, orgulhando, sem dúvida, seus ancestrais, honrando a luta de Abdias do Nascimento, artista ele também, como Criolo. Com Lucas, fecho a gira. E não estamos sós. Conosco vem Buda, Shiva, Ogum, Ganesh, Cosme, Damião, Doum e Exu e Maria Bethania que não tinha entrado na história, ainda. Convoco a quem for de paz. Quem for de paz pode entrar, já dizia Jorge Amado. Quem for de luta e de luto também, o que me fez lembrar a quadrilha, não a do Drummond, mas a da Lívia Natália⁶²:

“Quadrilha”
(Lívia Natália)

*Maria não amava João,
Apenas idolatrava seus pés escuros.
Quando João morreu,
assassinado pela PM,
Maria guardou todos os seus sapatos.*

61 RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antônio. *Fogo No Mato: A ciência encantada das macumbas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2018, p. 83.

62 NATÁLIA, Lívia. *Correnteza e outros estudos marinhos*. Editora Ogum's Toques Negros, 2015, p. 137.

Referências

- ANDRADE, Lucas Toledo de. *Nos (des)caminhos da Exu-poética: as encruzilhadas afrosurrealistas da criação de Criolo*. 2020. 156f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020.
- BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- BARTHES, Roland. *S/Z..* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- CAPUTO, Stela Guedes. *Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de Candomblé*. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.
- CRIOLO. *Ainda há tempo*. São Paulo: Oloko Records, 2016. 1 CD. (28 min. 18 seg.).
- CRIOLO. *Ainda há tempo*. São Paulo: SkyBlue Music, 2006. 1 CD. (69 min. 47 seg.).
- CRIOLO. *Convoque seu Buda*. São Paulo: Oloko Records, 2014. 1 CD (31 min. 41 seg.).
- CRIOLO. *Espiral de ilusão*. São Paulo: Oloko Records, 2017. 1 CD. (32 min. 14 seg.).
- CRIOLO. *Etérea*. 2019. (4 min. 12 seg.). Disponível em: <http://www.criolo.net/eterea/>. Acesso em: 16 de jun. 2019.
- CRIOLO. *Nó na orelha*. São Paulo: Oloko Records, 2011. 1 CD (51 min. 25 seg.).
- CRIOLO; GANJAMAN, Daniel; NAVE. *Boca de lobo*. 2018. (3 min. 46 seg.). Disponível em: <http://www.criolo.net/eterea/>. Acesso em: 2 ago. de 2019.
- CRIOLO; DINUCCI, Kiko. Mariô. In: CRIOLO. *Nó na orelha*. São Paulo: Oloko Records, 2011. 1 CD. Faixa 4. (5 min. 45 seg.).
- CUTI. *Negroesia*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.
- DERRIDA, Jacques. *Posições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001a.
- DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- EAGLETON, Terry. *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- Fernandes, Alexandre de Oliveira. *Axé: Apontamentos para uma a-tese sobre Exu que jamais (se) escreverá*. Tese (Doutorado) – UFRJ, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura (Literatura Comparada), 2015.
- FORD, Clyde W. *O herói com rosto africano: mitos da África*. Tradução de Carlos Mendes Rosa. São Paulo: Summus, 1999.
- GONÇALVES, Petronilha Beatriz. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. *Educação*, v. 63, n. 3, 2007.
- GROSFUGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Sociedade e Estado*. vol.31 no.1 Brasília Jan./Apr. 2016.

- HADDOCK-LOBO, Rafael. Considerações sobre “Posições” de Derrida. *O que nos faz pensar*, Pontifícia Universidade Católica (PUC), Rio de Janeiro. [S.l.], v. 16, n. 21, p. 66-77, July 2007.
- LÖWY, Michael. *A jaula de aço: Max Weber e o marxismo weberiano*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- MACHADO, Vanda. *Pele da cor da noite*. Salvador: EDUFBA, 2013.
- MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto inscrição. *Estudos Afro-Asiáticos*, ano 23, n. 1, p. 171 – 209, 2001.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições, 2018a.
- MOMBAÇA, Jota. Rastros de uma Submetodologia Indisciplinada. *Revista Concinnitas*: Rio de Janeiro, v.1, n.28, p. 334-354, 2016.
- NATÁLIA, Livia. *Correnteza e outros estudos marinhos*. Editora Ogum’s Toques Negros, 2015.
- OLIVEIRA, Rodrigo Lopes de Barros. *Derrida com macumba: O dom, o tabaco e a magia negra*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Literatura, Teoria Literária, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Ilha de Santa Catarina, 2008.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Com Roland Barthes*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antônio. *Fogo No Mato: A ciência encantada das macumbas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.
- SÁLÂMÌ, Sikirù; RIBEIRO, Ronilda Iakemi. *Exu e a ordem do universo*. São Paulo: Oduduwa, 2015.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. *Epistemologia do Sul*. São Paulo: Cortez Editora, 2010.
- SKLIAR, Carlos. *Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- SOARES, Emanuel Luís Roque. *As vinte e uma faces de Exu na filosofia afrodescendente da educação: imagens, discursos e narrativas*. 2008.188f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2008.
- SODRÉ, Muniz. *Santugri: histórias de mandinga e capoeiragem*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- ZEVALLOS, Veronica Pilar. Ética do impossível: uma reflexão a partir da desconstrução. *O que nos faz pensar*: Pontifícia Universidade Católica (PUC), Rio de Janeiro. [S.l.], v. 28, n. 44, p. 170-189, jul. 2019.